



O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano V

Florianópolis, Junho de 1947

N. 4

O Construtor

Virtude: Brandura.

Vício oposto: Ira.

O Construtor: "Jesús, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso". (300 dias de indulgência).

O Ajudante: "Imaculada Rainha da Paz, rogai por nós". (300 dias).

Método: Começa o dia com o propósito de combater a ira, raiva e irascibilidade. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; diz estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Brandura: Não é nem fraqueza nem covardia. É tal força de caráter e firmeza mental que temos perfeito domínio sobre a nossa natureza irascível. O homem brando é sempre calmo e paciente, pacífico e firme, moderado no falar, gracioso em maneiras, mas também, intrépido e corajoso nas ações. — A brandura é um misto delicado das três virtudes da temperança, da fortaleza e da caridade: a temperança controla as explosões do mau humor, a fortaleza torna-nos capaz de carregar com um sorriso as cruzes, a caridade ajuda-nos a sermos considerados e prontos para ajudar a amigos e inimigos, sem distinção. — "Bem aventurados os mansos, porque possuirão a terra". Possuem suas almas em paz, já que se acham em paz com Deus, consigo mesmos e com os outros. Mas o raivoso tem raiva de si mesmo por ter ficado irado; está vexado por ver-se vexado. A ira, qual um fogo devorador, destrói todo vestígio de paz no coração. Maria é a Rainha da paz. Quão pacífica com seus vizinhos! Quão pacífica no meio das cenas mais revoltantes da paixão e morte de Cristo! No Ajudante pedimos-lhe: "Imaculada Rainha da paz, rogai por nós", para que ela nos conserve calmos e pacíficos em tempos de provações e cruzes.

Antes da tentação: O pensamento é o pai da ação. Um pensamento bondoso engendra uma ação bondosa; um pensamento irado, nutrido secretamente, desperta no coração o desejo de ódio e vingança que provocam tempestades violentas de mau humor. Estamos realmente chocados por sua violência e pecaminosidade. Todavia, não o deveríamos ser: Não acariciávamos secretamente agravos e meramente aguardávamos a nossa vez de juntar-nos à gentilha enfurecida diante do tribunal de Pila-

tos, reclamando, em altos brados, o sangue do inocente Salvador? — "Aprende de mim", admoesta o brando Redentor, "pois eu sou manso e humilde de coração, e achareis paz para as vossas almas". Que maravilhosa firmeza mental e perfeito domínio de Si mesmo nas situações mais penosas! Que sabedoria e firmeza perante os dolosos escribas e fariseus! Que perfeito controle de Si mesmo nos tribunais de Anás, Caifás, Herodes e Pilatos! Como uma torre de força moral e fortaleza, calmamente enfrenta os ataques furiosos das forças do mal, nas alturas do Calvário. Frequentes aspirações de brandura gravarão com traços mais fortes seu exemplo em nossas almas e inspirar-nos-ão um controle semelhante na vida cotidiana.

Durante a tentação: A ira como tal é injusto, irrazoável e imoderado desejo de castigar a outros. Muitas vezes vem acompanhada de ódio e vingança. Se não for controlada pela razão, sua violência não conhecerá limites, e muitos são os pecados da língua contra a justiça e a caridade. — Com o primeiro sinal de ira, faça com que a razão, pronta e firmemente, tome conta da situação. Com frequentes actos de brandura, os pensamentos de agravos pessoais e injustiças sofridas são lentamente dominados, enquanto as aspirações como orações imploram ao Sagrado Coração e Maria, a Rainha da paz, a graça de imitar o maravilhoso exemplo de Jesús Cristo. Cada aspiração repetida cola um selo sobre os lábios irados que agora estão rezando.

Depois da tentação: "A ira habita no seio do tolo". Com que exatidão verifica-se a verdade deste axioma no raivoso! Perdeu o respeito de si mesmo, sua honra; sacrificou a confiança e a amizade dos outros. Sua consciência acusa-o de pecados de injustiça, de deslealdade, de maledicência e de arrogância. A raiz da perturbação está bem dentro de seu próprio coração. Não fosse tão egoísta, tão melindroso, tão ciumento, tão orgulhoso e obstinado, não seria vítima de sua ira própria. Frequentes grupos de aspirações em espírito de reparação e satisfação se requerem agora para endireitar o passado e desfazer de algum modo a injustiça cometida contra Deus e o próximo. Como orações, estes grupos nos alcançarão a graça de iluminar a nossa mente afim de ver a loucura do mau humor; como actos de virtude, eles fortalecerão a nossa vontade na sua resolução de manter a firmeza de carácter a todo custo.

Charles A. Imbs, S. J.

LIVROS

Corografia Brasileira de Aires de Casal, fac-símile da edição de 1817, com Introdução de Caio Prado Júnior, Tomo I; Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945. — Ao ler umas quantas páginas da erudita introdução de Caio Prado Júnior tem-se a impressão que não valia a pena de reeditar um livro velho que já na sua edição original tão fracamente satisfaz as exigências científicas dos geógrafos. Mas, prosseguindo na leitura da introdução, vê-se que, além de testemunhar a imensa laboriosidade de um humilde sacerdote, que foi "um incansável rebuscador de bibliotecas e arquivos", ao qual "daquilo que estava a seu alcance, pouco teria escapado", a obra é de grande valor para os historiadores. Realmente, o que se espera de um livro sobre assunto geográfico, não encontramos, ou pelo menos, não com a abundância nem com a exatidão requeridas. Isto, porém, vem compensado pelo interesse histórico que despertam as observações de carácter histórico. Sirva de exemplo o que vai aqui transcrito, conservando-se a grafia do autor, falando ele de Florianópolis do começo do século 19: "A Capital da Província he a considerável, populosa, e abastada Villa de Nossa Senhora do Desterro, situada no lado occidental da Ilha de Santa Catharina sobre uma enseada um pouco a Les-Sueste do Estreito, em terreno desigual entre dois mórros, atravessada por tres ribeiros, que passam por baixo de várias pontes de pedra. As ruas sam quazi geralmente tortuozas, as cazas ou de pedra ou de madeira. Além da Igreja Mãtriz tem as Capellas do Menino Deos, e de N. Senhora do Rozario, uma Ordem Terceira de S. Francisco d'Assis, um Hospital da Caridade... a mocidade instruida por mestres regios de Primeiras letras, e Latim, para cujos honorários ha um tributo na aguardente". — O autor acrescentou ao texto numerosas notas e um amigo d'ele, funcionário da biblioteca da Corte elaborou os índices para os diferentes volumes. É com gosto que o estudioso da história pátria lê a obra do "Pai da Geografia Brasileira". — Sec.: C.

Águas de Espanha, e A Última Aventura, por C. S. Forester; Livraria José Olympio Editora; Rio de Janeiro; 1946 e 1947. — Estes dois volumes constituem a continuação e conclusão das aventuras do Capitão Hornblower, começadas em "A Longa Viagem". Sobre o fundo histórico da guerra marítima da Inglaterra contra o Corso, pinta o autor, em vivas cores, os feitos heróicos e os golpes da adversidade que lhe permitem ana-

DEMOCRATAS NUM PAÍS CONQUISTADO

Se você leu o parágrafo sobre a "liberdade religiosa" em "É Bom Saber", compare a atitude dos Americanos no Japão. Tiramos os seguintes dados de um resumo de "Mission News", editado no Japão por Sua Excelência Revma., Bispo João Ross, S. J.

O capitão Decker, comandante da base naval em Yokosuka, desejava que a Companhia de Jesús abrisse um colégio naquela cidade. Disse aos missionários — em sua maioria alemães — que, apesar d'ele não ser católico, tinha toda a confiança em que os padres tivessem a capacidade e a generosidade religiosa de ajudá-lo na realização de seu plano de transformar Yokosuka em cidade-modélo. Ofereceu aos missionários um grande terreno (antigamente arsenal da base naval japonesa) com todos os edifícios e tudo o mais. Há nove construções de cimento armado, que facilmente são reformados para as exigências escolares. Estes edifícios estão repletos de máquinas arruinadas. Mas uma firma ofereceu-se para remover estas relíquias e executar as obras de reforma.

Um jesuita alemão foi encarregado com a direção dos trabalhos. O Bispo Ross pôde já benzer a nova escola católica. No ato inaugural estavam presentes representantes do govêrno e do ministério de educação. Ambas as partes prometeram sua colaboração.

lisar a alma de um herói. Forester deixa-nos ver o que há realmente nos homens aclamados delirantemente pelas massas. Hornblower foi um lutador que não somente brandia a espada contra os inimigos exteriores de seu país, mas que lutava denodadamente contra as fraquezas de seu carácter. É com verdadeiro pesar que o vemos succumbir momentaneamente. Succumbir num simulacro de amor. Esta passagem, aliás, impõe certas reservas e exigem um leitor maduro. Também sua atitude irreligiosa é de lamentar. Espontaneamente apresenta-se o pensamento: Se este homem se tivesse guiado por princípios religiosos, podia ter alcançado as alturas da santidade. Alma ardente e, ao mesmo tempo, humilde, acostumada ao exame de si mesma, alma que de si exigia o domínio máximo das emoções do corpo e da mente, estava ela talhada para a grandeza legítima. Mas assim há milhares de homens que desconhecem o seu verdadeiro valor e as possibilidades da verdadeira grandeza, porque não se vêem na luz da fé. E, no fim da vida, devem, arrependidos, confessar, com "Boy" de Coloma: "Passel por minha felicidade sem a reconhecer". — Sec.: C.

E' Bom Saber...

— Uma notável mudança na atitude da imprensa com referência a Tito revela os factos antiquados que ele é um déspota, um perseguidor em escala gigantesca, e um pouco menos democrático do que Nero ou Hitler.

— Um novo dispositivo de segurança, novos aparelhos radiofónicos e os maquinistas de locomotivas de ficar em contacto com os chefes de estações ao longo da linha de estrada de ferro.

— A Inglaterra para, agora, semanalmente cinco shillings por filho, com excepção do mais velho, as famílias necessitadas.

— As autoridades russas estimulam largamente os esportes na Rússia. Outra vez são permitidas as corridas de cavalos com apostas — por muito tempo consideradas crimes — ... Todos os cavalos pertencem ao governo.

— Apesar do regime "comunista", os russos ainda pagam com dinheiro, ganho principalmente como salários, o que eles podem receber. E os preços são terríveis. Um operário de fábrica ganha, na média, 130 dólares. Por um terno paga 133 dólares, um vestido para senhora custa 125 dólares. Botiñas, para homem ou mulher, podem ser compradas por 136 dólares o par. Um sweater de lã, custando 6 dólares nos Estados Unidos, vale até 83 dólares na Rússia. Uma barra de sabão (sabonete só para os eleitos!) custa cinco dólares, i. e., Cr\$ 95.00. (Viva a hygiene RUSA! — N. d. R.).

— Na Yugooslávia, teoricamente há permissão de praticar a religião. Tito tolera a assistência à Sta. Missa. Mas o povo é requisitado para trabalhar nas horas do culto. Os Padres podem pregar. Mas seus sermões não podem ser de "assuntos políticos". E quem decide sobre se algum assunto é político, é o governo comunista. Em algumas partes, o governo suspeita principalmente das Congregações Marianas e, em especial, as de senhoras. Para realizar uma reunião, é preciso obter licença das autoridades civis. Para poder fazer o pedido de licença paga-se 30 libras, para a licença mesma paga-se mais 100 libras. Por não ter pedido tal licença, dois sacerdotes foram condenados a uma multa de 15.000 (quinze mil) libras, um outro a uma de 17.000 (dezesete mil) libras. Se um padre não pode pagar, é condenado a trabalhos forçados para 45 dias. Por ocasião de uma Primeira Missa, um grupo de moças faz uma coleta em favor do neo-sacerdote. O dinheiro foi apreendido pelo governo e cada moça que recolhera dinheiro, condenada a oito dias de trabalhos forçados. — Eis a "liberdade religiosa" do governo títere de Tito!

(The Queen's Work. — St. Louis).

Marianos célebres

o. Um Rei.

Em 1º de Dezembro de 1640, na capital lusitana, rebentou a revolução contra o domínio espanhol. João, duque de Bragança, subiu ao trono restaurado com o nome de João IV.

Nasceu o novo rei aos 18 de Março de 1604 no palácio ducal de Vila Viçosa. Recebendo uma boa formação, interessava-se desde cedo pela música e pelos exercícios físicos. Com vinte e nove anos de idade casou com D. Luiza Francisca Guzmán, filha do duque da Medina-Sidónia.

Não se sabe quando ele entrou na Congregação Mariana. Consta, porém, que fundou no palácio real uma C. M. para os págens, entre os quais se achava São João de Brito, recentemente canonizado.

O primeiro rei da dinastia dos Bragança precisava da protecção e auxílio de Nossa Senhora. Pois, todo o seu governo estava repleto de dificuldades.

Ao subir para o trono, Portugal estava sem exército e sem armada e não tinha armamentos. A maior colónia, o Brasil, estava sob o domínio espanhol e em perigo de passar para o poder dos holandeses.

Muito mais crítica era, entretanto, sua situação política. A diplomacia espanhola lançou mão de todos os meios para que o Papa não reconhecesse a João IV como rei de Portugal. Ela exigiu que o Sumo Pontífice condenasse num breve a revolução e que os membros do clero que tinham participado da sublevação — entre eles o Arcebispo de Lisboa — fossem julgados por um tribunal formado por juizes espanhóis.

Mas, em Roma, achou João um fogoso advogado na pessoa do embaixador da França. E o soberano português mesmo enviou para a Cidade Eterna como embaixador seu sobrinho, D. Miguel de Portugal, Bispo de Lamego. O Papa viu-se numa situação difficilima. Os relatos sobre os acontecimentos em Portugal eram contraditórios, não permitindo ao Papa tomar uma resolução decisiva.

A questão era a seguinte: os reis de Portugal tiveram antigamente o direito de nomear os Bispos. Este direito exigiu-o João IV também para si. Se o Papa lhe concedesse tal faculdade, reconheceria por isto mesmo a João como rei legítimo das terras lusitanas. E contra isto insurgiram-se os espanhóis.

João, na ânsia de assegurar-se à coroa, empregou meios que não se condunavam com a atitude de um filho obediente da Igreja. Quando porém teólogos portugueses lhe mostravam que assim se afastava da doutrina católica e dos seus deveres para com o Vigário de Cristo, desistiu da execução de planos que teriam levado o país ao cisma.

Enquanto estas questões ficavam pendentes em Roma, João mostrava-se à altura de sua difficil tarefa em Portugal. Organizou as forças de terra e mar; reabilitou e consolidou a fazenda real; con-

cluiu tratados com várias nações estrangeiras; e conseguiu suprimir as conspirações tanto contra a sua pessoa como contra a independência de Portugal. Por cúmulo de felicidade, o Brasil foi-lhe restituído em consequência das vitórias alcançadas pelos esforços conjugados de lusos e brasileiros.

Entretanto, o primeiro rei brasileiro morreu em Lisboa, aos 6 de Novembro de 1656, sem ter conseguido o direito de nomear Bispos. Mas já ninguém disputara-lhe o direito ao trono e ele conservara-se fiel à Igreja. É a este grande filho de Maria deve o Brasil, em grande parte, sua integridade nacional.

Clube Pan-Americano

A IX. Conferência Pan-Americana. Em Bogotá deverá reunir-se, no correr deste ano, a IX. Conferência Pan-Americana. Importantes e difíceis problemas aí esperam solução. Por isto mesmo, será esta a conferência de maior responsabilidade do que qualquer das oito precedentes.

Vários dos problemas a tratar se relacionam não somente com o sistema pan-americano, senão e em alto grau com questões do direito internacional. Há, p. ex., o problema da defesa comum do hemisfério ocidental. Outro problema é o da mudança de soberania de regiões geográficas da América que se acham sob jurisdição não-americana, como seja o Canadá, Honduras Britânica, as três Guianas, e outras.

De maior peso ainda serão os assuntos referentes às resoluções da conferência para os problemas da paz e da guerra (Ata de Chapultepec) e os que provêm das deliberações da conferência das Nações Unidas em San Francisco (Calif.).

As resoluções de Chapultepec podem levar à formação dos "Estados Unidos das Duas Américas". Isto não quer dizer que os diferentes países percam sua soberania. Mas será preciso formar um conselho directivo. Por quem será formado tal conselho? Quais os atributos dos seus membros? Como será eleito o seu presidente? Ficarão os membros do conselho directivo sujeitos à missões diplomáticas acreditadas junto ao governo do país em que funciona a União Pan-Americana? E quais serão os deveres e os direitos de cada estado?

Podemos perguntar ainda — como católicos devemos perguntar — qual a atitude para com a Igreja Católica? Será que ela também terá seu representante, assim como a Santa Sé é representada por seus Núncios Apostólicos em grande parte dos países americanos? Pois, se os membros do conselho directivo actuam com independência das resp. missões diplomáticas, não poderão eles anular os actos dos Núncios nos países onde estão acreditados? E, se se formarem forças armadas pan-americanas, haverá assistência religiosa? E no intercâmbio cultural entre as repú-

blicas americanas serão respeitadas os principios cristãos?

Eis uma manchela de pergunta perante as quais o católico não pode ficar indiferente.

A verdadeira paz, a paz de Cristo só existe no reino de Cristo, i. e., somente quando são respeitadas as máximas do cristianismo, pode haver uma verdadeira união.

Congregado, vale a pena te interessares pela IX. Conferência Pan-Americana.

Esperanças Fagueiras

São Francisco Xavier, ao embarcar para a China, deixou no Japão uma cristandade florescente. Mas vieram séculos de perseguição sangrenta que povoou o céu com centenas de mártires. A Igreja parecia extinta. E até os nossos dias, o Japão era um dos campos mais difíceis para a ação missionária. A guerra acaba de mudar isto.

Respigando em "Mission News", encontramos os sinais de tal mudança.

O P. Dumoulin, S. J. recebeu um dos mais altos títulos académicos em reconhecimento de seu trabalho científico. Tal distinção foi conferida, até agora, a só 4 ou 5 estrangeiros. Ela coloca o padre entre os primeiros cientistas do país e lhe confere as honras e dignidades de Professor da Universidade Imperial. Este facto há de dar maior realce à ciência católica e isto influenciará favoravelmente na obra de cristianização.

A vida católica manifesta-se sob várias formas. Assim, no rádio, nas reuniões dos médicos católicos que, mensalmente discutem seus problemas sob a direção de um padre; no meio de professores e professoras que, por sua vez, celebram conferências mensais. Séries de discursos sobre a Igreja primitiva no Japão desfizeram o preconceito de que os missionários fossem espíões ao serviço de invasores estrangeiros. Desta forma preparou-se o caminho para a conversão de muitos japoneses.

Vários padres expõem a doutrina católica a centenas de estudantes de diversas universidades. Desde alguns meses, pais e maridos de antigas alunas de colégios católicos frequentam as aulas de catecismo.

O novo noviciado da Companhia de Jesús já conta dez noviços, naturais do país.

Tanto os americanos como os ingleses reconhecem a importância dos trabalhos dos missionários. Permitiram que os padres adquirissem os viveres necessários nos resp. depósitos de guerra. Receberam eles também licença de importar vinho para celebrar a Sta. Missa. E mensalmente fornece-se à Igreja a indispensável farinha de trigo para as hóstias.

O próprio Bispo Ross e alguns padres estão encarregados do serviço religioso para os membros católicos do corpo diplomático e das tropas de ocupação.

Realmente, há fundadas esperanças de que o Japão entre na Igreja de Cristo e se realize o grande sonho de São Francisco Xavier.

(Continuação)

Muitos directores de retiros recomendam se faça uma confissão geral durante o retiro. Uma missão popular poderá oferecer a mesma oportunidade. A confissão geral é, muitas vezes, aconselhada a pessoas que entram num novo estado de vida, e por isto fazem-na os que estão para se casar ou entrar na vida sacerdotal ou religiosa.

Os Degraus para a Confissão

1. Um Acto de Gratidão para com Deus.

É este um belo prelúdio à confissão.

Antes de pensarmos nos nossos pecados, lembramo-nos da maravilhosa bondade de Deus. Contrastando com sua bondade, a nossa ingratição e o peso dos nossos pecados são realçados, o que torna mais fácil o nosso arrependimento.

Poder-se-ia rezar da seguinte maneira:

Bondoso e generoso Pai do céu, antes de eu começar a pensar nos meus pecados, posso primeiro pensar na vossa generosidade para comigo? Vós destes-me o dom da vida. Vós me criastes a mim, quando podíeis ter criado a um outro, santo, que vos amasse e vos servisse devotadamente. Vós me destes a fé, o baptismo com o direito ao céu, a vida divina que é a graça santificante na minha alma. Vós me destes vosso Filho como Salvador e guia e meu alimento na Santa Comunhão. Vós me destes o Deus que habita em nós, na Crisma. Quando eu pecava, não me abandonastes, mas me perdoastes e me destes mais uma oportunidade de reabilitação. Vós destes-me tantos benefícios — saúde, educação, amigos, possibilidades na vida — que nem mesmo sei começar a agradecer-vos. Nem posso devidamente dar-vos graças por aqueles favores que de um modo especial fazem de mim vosso filho favorecido. (Aqui faz uma pausa e pensa nos dons particulares que Deus deu só a ti).

Eu sei que vós fostes maravilhosamente bom e generoso para comigo. Em troca, eu vos dei o pecado e o mal e o mais relutante e egoístico serviço. Mas sou realmente grato. Vossa generosidade faz meu pecado parecer-me até mais grave. Pelo menos antes de começar a minha confissão, posso dizer-vos como vos agradeço tudo quanto fizestes por mim. E na luz de vossa bondade deixai-me ver o meu egoísmo e a minha completa falta de generosidade para convosco, meu bondoso e generoso Pai.

Meu Deus, eu vos agradeço. Perdoai-me, se a minha resposta consistiu em egoísmo e pecado.

2. Um Pedido de Luz.

Antes de sermos capazes de confessar devidamente os nossos pecados, devemos conhecê-los. Num confissão completa indicamos todos os pecados mortais dos quais nos tornamos culpados, e o número de vezes que os cometemos.

Mas homens e mulheres podem enganar-se. Podem pretender que certas cousas não passem por más, quando, na realidade o são, ou que

não sejam tão graves como o são aos olhos de Deus. Por isto é importantíssimo que vejamos os nossos pecados como Deus os vê.

Este ponto de vista exige uma avaliação honesta de nossa conduta. E para tal precisamos do auxílio de Deus.

De nossa parte é o maior erro possível exagerar nossos pecados. Pode-se ser desonesto pretendendo que certas cousas sejam pecados quando não o são ou engrossando pecados veniais para que pareçam mortais. As vezes, há gente que toma atitudes tão estranhas.

Do outro lado, o homem pode ser desonesto pretendendo que cousas que são pecaminosas, não o sejam.

No confessor, o sacerdote no trato com o penitente segue uma regra de conduta que todos deveriam conhecer e lembrar: O confessor foi ensinado a acreditar ao penitente, quando este diz cousas que são em seu próprio descrédito. Acredita ao penitente! Este é o único recurso de ação para o sacerdote. Desta forma toda a questão de honestidade depende daquele que faz a confissão.

Honestidade não significa escrupulosidade. Não significa esquadriñar a consciência, torturando-a afim de descobrir cousas que talvez passaram ao esquecimento, há muito tempo. Não significa contar

cessariamente escrupuloso ou desperdiçar tempo e energia com cousas que não são pecados. Mas eu quero é fazer uma confissão completa e honesta.

Mas tenho um pedido ainda mais importante, meu bom Deus: dai-me arrependimento dos meus pecados. Para isto preciso de vossa ajuda. Deixai-me ver o mal do pecado. Deixai-me saber quanta pena e tristeza mereço por meus pecados. Deixai-me pensar brevemente nos castigos do inferno e nas alegrias do céu. Mas além disto, quero ver o que o pecado fez de Jesús, meu Salvador, no Calvário. E desejo odiar o pecado porque vós sois tão bom e belo, e o pecado é tão ruim e hediondo e interesseiro e vil.

Ajudai-me, Santíssima Trindade, a fazer uma boa confissão. Meu Pai, dai-me arrependimento. Meu Salvador, lembrai-me o vosso Calvário. Espírito Santo, Espírito da verdade e do amor, iluminai minha mente, ajudai a minha memória, mas, principalmente, levari o meu coração para o verdadeiro arrependimento dos meus pecados.

3. Exame de Consciência.

Na confissão temos obrigação de acusar só os pecados sérios, isto é, os pecados mortais dos quais temos certeza. Não há obrigação de confessar pecados veniais.

TU E A CONFISSÃO

DANIEL A. LORD, S. J.

(TRADUÇÃO)

achar pecados que não existem ou pensar que o confessor se sentirá decepcionado quando não tivermos que relatar pecados maiores. Honestidade significa simplesmente o nosso sincero, não demasiadamente prolongado esforço de chegar aos nossos pecados em nossa consciência e de achar as palavras para os declarar simples e candidamente.

Deus está sumamente interessado em ajudar a pessoa sincera de fazer bem a confissão.

Pedimos, pois, a Deus que nos deixe ver os nossos pecados assim como Ele os vê. E acrescentamos o pedido de sentirmos verdadeiro arrependimento.

Poderíamos usar a seguinte espécie de oração:

Meu Deus, que um dia sereis meu juiz, eu vos peço, ajudai-me a prepararme-me honesta e corretamente para a confissão. Sinceramente desejo conhecer os meus pecados assim como vós os conheceis. Ajudai a minha memória afim de que nada com que vos ofendi seriamente, escape à minha atenção. Tratarei de lembrar-me exatamente, quantas vezes cometi aqueles pecados; então serei capaz de dizer isto devidamente ao sacerdote.

Portanto, Deus da luz e da verdade, ajudai-me a conhecer os pecados e dizê-los assim como são na realidade. Dai-me honestidade afim de apresentá-los de forma que o sacerdote os possa compreender exatamente. Não desejo ser desne-

cessariamente escrupuloso ou desperdiçar tempo e energia com cousas que não são pecados. Mas eu quero é fazer uma confissão completa e honesta.

Pecados mortais, entretanto, sempre devem ser confessados. Devem ser mencionados pelo nome, isto é, dizer exactamente de que espécie são. Também deve-se dizer quantas vezes foram cometidos.

Se, por uma falha de memória, uma pessoa se esquece de mencionar um pecado mortal de que é culpada, ou sem querer diminui o número dos pecados, não precisará inquietar-se. Não precisará voltar ao confessor para corrigir a omissão ou o erro cometido sem culpa. O pecado foi perdoado junto com os outros que foram confessados.

Na seguinte confissão, porém, deve acusar este pecado e dizer que por esquecimento ou por um engano deixou de acusar na confissão passada.

Se qualquer pecado mortal deliberadamente não for acusado, a confissão é sem valor e má. Se alguém deliberadamente indica um número menor de vezes que um pecado mortal foi cometido, a confissão é mal feita. Não é permitido calar o número. Ou se alguém, digamos, se deteve dez vezes em pensamentos impuros, êle se confessa mal, quando diz que teve tais pensamentos cinco vezes, sabendo

que foram dez vezes.

Não é demasiadamente fácil cometer um pecado mortal.

Pois, para isto, como é sabido, três cousas são necessárias.

A. A matéria do pecado deve ser grave.

Deve ser um prejuizo real para Deus, para nós mesmos, para outros. De outra forma há pecado venial.

B. Devemos saber o que estamos fazendo no momento em que estamos cometendo o pecado.

A isto muitas vezes chamam reflexão suficiente. Suponhamos que alguém faça alguma coisa que julga perfeitamente licita; mais tarde descobre que a ação era proibida; certamente não está culpado de pecado. Se come carne em dia de abstinência, sem se lembrar que tal dia é dia de abstinência de carne, não há pecado algum. Se alguém fizer alguma coisa pecaminosa em si, mas sem pensar no que está fazendo, não comete pecado.

Do outro lado, se alguém suspeita que alguma coisa é pecado e deliberadamente não se informa se a ação é boa ou má, comete pecado, quer seja a ação boa, quer má. Porque, em tal caso, age com consciência dúbia e com a atitude de quem age sem se importar se é boa ou má a ação que faz. Isto coloca-o numa posição errada e êle é deliberadamente responsável por sua consciência errônea. P. ex., um moço rouba uma motocicleta. Êle não sabe exactamente quanto uma coisa deve valer para que o acto de furtar se torne pecado mortal. Argumenta: "Enquanto não souber, não cometi pecado mortal". E por isso não se informa. Sua ignorância é culpável. Dai, não se pode dizer que o furto não foi pecado mortal por causa de ignorância.

Da mesma forma, há muitas vezes pessoas que tratam de continuar na ignorância a respeito do que constitui pecado mortal contra a castidade.

Ignorância que uma pessoa cultiva ou quer reter não desculpa de pecado mortal.

C. Devemos consentir plenamente.

Isto significa: para que um pecado seja pecado mortal, a pessoa deve estar completamente acordada, cõscia, deve escolher deliberadamente o mal, e deve cometer o pecado com plena determinação.

Portanto, não se pode cometer pecado mortal, quando se está dormindo ou meio acordado. Uma pessoa demente não pode ser culpada de pecado. Se alguém matasse a outra pessoa num acidente, não havendo intenção de matar, não haveria pecado.

É possível que um homem esteja tão embriagado que já não sabe o que está fazendo. A embriaguez é culpa sua e pecaminosa.

Suponhamos que durante o estado de embriaguez, fique envolvido numa briga e fira a um outro. Se não previu a briga e estava tão embriagado que já não sabia o que estava fazendo, perante Deus não é responsável pelas consequências da embriaguez. Mas, se previu, que, estando bêbedo, chegaria pro-

(Continúa)

(CONTINUAÇÃO)

III

Uma hora ou pouco mais tarde, Manuel observou:

"Cláudio, estou notando que há dois recifes bem juntinhos, aquele grande onde tu moras, e bem em baixo dele, um pedacinho de ilha. A quem pertence a ilha?"

Cláudio parou de remar. No mesmo instante, Manuel, abaixando-se a descoberto que estava em água de pouca profundidade, ergueu-se, surgindo seu rosto e os ombros acima da vastidão líquida. Carmelita imitou-o e apresentou o interessante espetáculo de uma moça que se esforçava por ficar em pé e ao mesmo tempo manter fóra da água a boca e o nariz.

"Americano — é ele a possuir, uma vez", explicou Cláudio. "Veiu para cá depois da grande guerra nos estados americanos. Ele comprar a ilha. Ele ficar aqui. Ele só. Um dia, ele ir nadar — dez, onze anos ele sair. E ele nunca voltar. Tubarão gostar de americano".

"Quem te contou tudo isto?" perguntou Manuel.

"Meu padrinho. É grande homem. Ele saber tudo. Meu padrinho possuir o recife".

"Está para vender?"

"Meu padrinho tratar de o vender, uma vez, duas, seis vezes".

"Por quanto?"

"Uma vez é ele querer que Don Pedro Muñoz a tomar em troca de um barco. E Don Muñoz dizer não. E meu padrinho dizer é ele dar a Don Muñoz dez dólares".

"E quanto vale o barco de Don Muñoz?"

"Ele o vendeu semana passada por quinze dólares".

Manuel lançou um olhar cubitoso à ilha. Parecia ter uma superfície de uns 15 mil metros quadrados, a metade da qual ocupada por um cocal. Manuel sabia alguma coisa da exploração de cocos. Aquelas árvores não teriam frutas por um ou dois anos ainda. No outro extremo da ilha havia uma cabana desmantelada com três palmeiras reais na frente. Além da cabana havia uma coisa desconhecida — um pedaço de terra elevada, assemelhando-se, em vários pontos, a um montículo indio.

"Quanto tempo faz que teu padrinho queria fazer aquele negócio com Don Muñoz?"

"Faz dois ano — mais que dois ano".

"Ah, estou vendo. E aquele cocal era um cocal muito novinho então. Ouve, Cláudio, vamos examinar aquela ilha. Venha cá, Carmelita, pegue na minha mão".

A minúscula ilha era um lugar aprazível. Graças ao padrinho de Cláudio, achava-se em excelentes condições. O cocal, refletiu Manuel, por si só lhe renderia quase o suficiente para viver. Além de que, um bom pedaço esperava ainda cultivo. Acima de tudo isto, o montículo! Se, nos dias em que cavalheiros viravam piratas, estes sempre escondiam seus tesouros nos recifes, por que não teriam escolhido justamente tal lugar? Era o mais natural do mundo. Como toda a gente sabia, era impossível cavar

AÇÃO RÁPIDA

FRANCIS J. FINN, S. J.

(TRADUÇÃO)

mais do que dois pés na terra plana sem chegar à água salgada. Mas uma elevação destas guardaria tesouros com toda segurança.

Manuel lançou um olhar para o recife superior; não distava mais que uma milha.

"Quantas pessoas vivem lá na ilha de vocês, Cláudio?"

"Cem — talvez mais. Meu padrinho, é ele ser dono".

"Teu padrinho deve ser um grande homem".

"É — muito grande".

"Carmelita, que pensa você deste sitio?"

"Muito bonito. É melhor do que ir à escola das Irmãs".

Manuel olhou-a severamente.

"Olhe cá", disse. "Você não vai viver aqui. Sabe, estou pensando em comprar este lugar".

Ouvindo esta declaração, feita calma e casualmente, Cláudio olhou com profundo respeito para o moço ousado.

"Você muito rico!" exclamou, tirando o chapéu.

"Não, não sou rico, de forma alguma. Mas tenho 24 dólares no meu bolso, e o Professor Stanton guarda cem dólares meus, até que eu precise do dinheiro".

Aqui Carmelita provou que era capaz de olhá-lo com mais respeito e reverência ainda. Solto uma exclamação de admiração.

"Esta ilha vale 24 dólares para mim. Estou decidido a pagar tanto".

"Precisar de um rapaz para trabalhar com você?" gritou Cláudio. Sempre com o chapéu na mão.

"Que podes tu fazer?"

"Levar recados. Aprontar suas linhas de pesca. Cozinhar. Fazer o que você manda".

"Quanto queres?"

"Cinco centavos por dia".

"Cláudio, você está empregado".

Cláudio mostrou dentes brancos como a espuma das vagas e brilharam seus olhos com grande alegria.

"E Carmelita", continuou Manuel, "você está na rua".

"Na rua? Na rua? Que quer dizer isto?"

"Quer dizer", explicou Manuel, fria e severamente, "que é hora para você se retirar". E apontou, dramaticamente, para a ilha superior.

Carmelita era uma típica Mexicana de sangue indio — alerta, flexível, graciosa, morena e com um rosto que, quando estava de bom humor, era agradável ao olhar. Ela era realmente muito pobre e ignorante. A única coisa que possuía de valor, ao lado de sua graça juvenil, era a sua fé católica.

"Rapaz", prosseguiu Manuel, "levarás esta moça para tua ilha. Hás de procurar uma pessoa que cuide dela".

"Meu padrinho", disse Cláudio, "é ele fazer isto".

"Teu padrinho", observou Manuel, "é uma maravilha. Nunca me lembraria dele. E então, Cláudio, dirás a teu padrinho que quero comprar esta ilha".

"Quanto você pagar?"

"Nem um centavo a mais que vinte e quatro dólares".

Como lançado por uma catapulta, Cláudio se atirou para sua canoa e pulou para dentro com tamanho impeto que a minúscula embarcação virou e revirou, acompanhada em cada volta pelo guri que se agarrara a ela desesperadamente.

"Devias ter mais respeito para com senhoras", disse Manuel. "Deixa a dama embarcar e fica fora".

"Muito bem. A água não é profunda na maior parte do caminho".

Carmelita, absorvida em seus pensamentos, permitiu que fosse levada para o bote e, obedecendo a uma sugestão de Manuel, sentou-se. Feito isto, Cláudio empurrou sua carga depressa para a ilha maior.

IV

Uma hora mais tarde, Manuel, comendo mangas colhidas das árvores que considerava suas num futuro muito próximo, viu com não pouco interesse, um pequeno veleiro vindo em direção a sua ilha; sua, porque já se sentia dono dela. Olhou com mais atenção e reconheceu os três passageiros do veleiro: Carmelita ("O que? a menina de novo?" pensou consigo mesmo), Cláudio e um homem de corpo flexível e tez bronzeada, já além dos cinquenta anos, vestido imaculadamente numa roupa que parecia um pijama. Estava de pé no chão. Seu traje era perfeito e útil. Vestido assim, podia entrar numa igreja ou mergulhar nas águas salgadas.

"Este camarada monologou Manuel, "deve ser o tal padrinho". O barco ancorou numa distância de uns vinte metros da praia. Depois disto, o velho de corpo flexível, sem mais, meteu os pés na água, assim como um doutor mete os pés na calçada ao desembarcar de um automóvel. Nisto era seguido por Cláudio e Carmelita. Todos os três tinham um largo sorriso para Manuel. O padrinho, não usando chapéu, fingiu remover um chapéu imaginário, inclinou-se como um grande da Espanha, chegando-lhe a água até a cintura, e, enquanto isto, Carmelita ganhou a dianteira. Tinha pressa. É uma coisa surpreendente naquelas paragens, a pressa. É fora do costume, é contra a dignidade. E, a não ser por motivos urgentíssimos, nunca aconteceu que se faça coisa alguma com pressa.

Manuel ficou interessado. Que coisa maravilhosa ou horrível poderia induzir Carmelita a tal atividade?

Enquanto estava ali admirado, Carmelita, alcançando a terra, veio correndo para ele, ofegante.

"Oh, Manuel", sussurrou ela, "economizei-lhe seis dólares. Consegui que o padrinho lhe deixa tudo por dezoito dólares. Não deixe perceber que você possui vinte e quatro dólares... Não diga nada".

"Carmelita, você é esperta, você é prudente". Dizendo isto Manuel sorriu graciosamente, e Carmelita corou bastante, tomando um aspecto feliz.

"Bom dia, senhor Manuel", disse o velho cavalheiro, quando chegou a uma distância adequada. "Permita-me que eu mesmo me apresente a vossa senhoria. Sou Dom Enrico Stefano, um seu criado".

"Muito prazer em conhecê-lo, Dom Enrico. Que me diz desta ilha?"

"É sua pelo preço que o senhor propõe. Naturalmente, há uma escrituração a ser arranjada. Mas disto eu me encarrego. Será levada a bom termo em dois, três, cinco dias. O preço, dezoito dólares, o senhor pagá-lo-á quando a escrituração estiver pronta. Mas, em sinal de sua boa fé, me dará cinco dólares desta soma adiantadamente".

"Aqui está o seu dinheiro", interrompeu Manuel.

"Obrigado. Que rápido o senhor é! A ilha é sua agora".

"E seu nome", declarou Manuel, "é Recife Stanton".

Com a declaração do velho cavalheiro que a ilha pertencia a Manuel, Carmelita, fora de si de alegria, bateu palmas.

"E esta jovem senhora", continuou Dom Enrico, "será ela a sua futura...?"

Manuel, o nariz no ar, olhou para a alegre menina e disse: "Não diria tanto". Depois acrescentou: "Para falar a verdade, não me importa afirmar que não pretendo casar".

"Vocês fariam um casal esplêndido", observou gentilmente o velho cavalheiro.

Neste meio tempo, todos os sinais de alegria de Carmelita tinham desaparecido; seus olhos fuzilavam, seu peito levantava-se e caía pesadamente, suas mãos estavam entreteçadas nervosamente.

"Menino!" sibilou ela. "Meninote! Casar!? Você precisa dos cuidados de uma mãe e de uma sova cada dia antes do almoço. E eu — eu não sou mulher que pretenda casar".

Tendo expelido estas palavras, a fada virou as costas para todo o mundo e encaminhou-se com passos rápidos para o cocal onde desapareceu de vista. Mas Manuel estava por demais interessado na sua nova propriedade para lhe prestar qualquer atenção.

"Olhe, Dom Enrico, inspecione este lugar e ele me agrada. Agora eu preciso de algumas coisas e quero-as depressa".

"Santa Maria Sacratíssima!" exclamou Dom Enrico, abrindo os braços num gesto que envolvia os dois polos. "Mas como você é rápido! E faz tudo isto sem parar para pensar".

(Continua)